



A CIDADE DE FORTALEZA COMO CENÁRIO DE DESLOCAMENTO E OBSERVAÇÃO EM UM ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO.

Jackeline Almeida Silva¹

Resumo: Ao realizar o deslocamento por uma cidade urbana, o cidadão pode observar características visuais e identitárias de cada cidade ou de cada bairro, e a cidade de Fortaleza por ser um município com intenso fluxo de pessoas ao longo do dia, essas observações e reflexões são cada vez mais presentes. O estágio supervisionado no ensino de ciências pode auxiliar no processo de construção da identidade docente. Este trabalho busca relatar as experiências de uma estagiária ao longo do seu deslocamento e observação em um estágio na docência, e suas tentativas de executar atividades de campo em instituições escolares estaduais. Ao longo das situações de deslocamento urbano, encontrei-me sob a constante ansiedade e preocupação pessoal, pois o tempo corria e as obrigações do estagiário eram vastas. Foram visitadas três instituições estaduais em Fortaleza, na busca por um campo escolar para ser desenvolvido o estágio, porém devido a dificuldades, estorvos burocráticos e imprevistos, as tentativas não tiveram os resultados esperados. As três instituições escolares visitadas possuíam individualidades quanto ao uso e administração do ambiente. Essas realidades únicas chamavam a atenção e muito fazia refletir sobre a rotina e os desafios encontrados na administração de cada campo escolar visitado. Após tentativas sem êxito, as atividades de reconhecimento da escola, observação, planejamento e regência ocorrem de fato em uma escola já do meu conhecimento e convivência. Durante as regências senti insegurança ao ministrar aulas sobre ciclos biogeoquímicos, pois o tempo havia deixado em mim lacunas conceituais o que dificultava o ensino, porém o planejamento adequado e o diálogo aberto com os discentes ajudaram nas inseguranças. Concluo que a maior parte das horas de estagiamento foram dedicadas a movimentação de peregrinação entre as três instituições visitadas, e que ainda após não conseguir de fato realizar as atividades como estagiária nessas instituições, suas arquiteturas, estética e receptividade contribuíram para uma compreensão pessoal sobre o funcionamento de escolas estaduais localizadas em Fortaleza.

Palavras-chave: Mobilidade urbana. Docência. Ensino de Ciências

¹Graduanda de ciências biológicas, Universidade Estadual do Ceará, jackeline.silva@aluno.uece.br.

1. INTRODUÇÃO

A mobilidade e a possibilidade de se mover por cidades é dito como um direito social, civil e democrático. Ao longo da sua rotina a população do município de Fortaleza se vê sob a dinâmica da mobilidade, e desse processo de se locomover de um local a outro, apontam-se fatores que restringem e precarizam esse trânsito no espaço urbano.

Para Lima Filho, os bairros residenciais são segregados e distanciados especialmente dos locais de trabalho da população fortalezense, o autor aponta também que a cidade de Fortaleza segue o modelo de uma cidade que exige um olhar inclusivo, para assim se configurar uma infraestrutura que propicie uma boa qualidade no trânsito dos automóveis, uma eficiência no transporte público, e caminhabilidade. Além disso, a cidade requer a criação e manutenção de boas calçadas e vias, proporcionando segurança e algum conforto ao longo do deslocamento dos cidadãos. Ainda sobre o deslocamento pelo espaço urbano, estes decorrem de duas principais necessidades: trabalho e lazer.

A disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Biologia da Universidade Estadual do Ceará inclui momentos de observação da sala de aula e da rotina escolar, participação nos planejamentos e regência de aulas, e também a aplicação de um projeto didático. As atividades de campo devem ocorrer obrigatoriamente dentro de uma instituição escolar, e dessa forma o estagiário se conecta às atividades práticas da formação docente. Interpreta-se esse momento de contato do graduando em Ciências Biológicas com o campo escolar como uma oportunidade de se conhecer e presenciar as circunstâncias particulares das escolas brasileiras. Assim, esse trabalho busca relatar as vivências pessoais de uma estagiária como docente no Ensino Médio.

2. DESLOCANDO-ME POR FORTALEZA

Durante o estágio supervisionado, os estudantes dos cursos de licenciatura podem trocar conhecimentos, interação, e também contribuir para com o espaço escolar.

Porém, para mim, os momentos do estágio supervisionado soavam distantes e minhas atividades acadêmicas pouco me encaminhavam ao ambiente escolar. Assim, meu saber e minhas experiências escolares limitavam-se às lembranças infantis pessoais e a narrativas ouvidas através de colegas de turma. Porém, a primeira citada não se solidifica como uma experiência muito válida, pois eu estava em posição de alunato, e a segunda não é capaz de me preencher de vivências, pois o vivido pelo outro não me pertence.

Dessa forma, alheia ao real ensino no Brasil, segui por três anos o meu percurso universitário.

A escola, sua rotina, seus obstáculos de atuação, suas regras e seu impacto eram apenas miragens levemente observadas através do estudo de documentos legais. Além disso, sendo eu no início da graduação, uma pessoa que acabara de entrar na casa dos vinte anos de idade, ainda, inconscientemente, media a realidade escolar pela régua da adolescência. E talvez esse afastamento que se seguiu por seis semestres tenha se portado como minha própria zona de conforto.

Eu estava confortável. O ambiente da escola e a realidade do ensino eram um enfeite intocável alojado dentro de um globo de neve. E antes que me fosse possível idealizar a etapa posta diante de mim, o toque do real foi mais veloz.

Ao assemelhar-se quanto à localidade, os dois primeiros estágios curriculares supervisionados que realizei no Ensino Fundamental I e II estão alocados em uma única gaveta da minha memória, e em poucos aspectos se divergem.

O percurso de deslocamento foi o mesmo em ambos. Os funcionários da instituição eram os mesmos. Os corredores, as salas, a arquitetura e a estética eram iguais. E por ter executado as atividades do estágio supervisionado no Ensino Fundamental I no segundo bimestre do ano escolar, até alguns alunos eram os mesmos, pois estes migraram do sétimo para o oitavo ano depois da virada do ano de 2023. Logo, posta nesse fluxo de semelhanças, essas experiências encontram sossego ao serem lembradas.

Porém, o desassossego chegou.

Determinou-se, acredito que como uma tentativa de tecer uma rede de comunicação entre as escolas e a Universidade Estadual do Ceará, os possíveis campos de estagiamento do estágio supervisionado para o Ensino Médio. No início, ao selecionar a escola mais conveniente para meu deslocamento pude estabelecer uma data de visita e apresentação inicial do estagiário.

Desloquei-me a primeira escola de minha escolha. A recepção ocorreu devidamente, e comprometi-me a retornar em duas semanas, pois as futuras aulas de biologia seriam substituídas por atividades na área de linguagem e códigos focados nos vestibulares que se aproximavam.

Após este evento, duas informações persistiram comigo. Primeiramente, agora os estudantes que eu acompanharia não limitavam seus estudos e sua carga horária apenas às temáticas e aos objetos abordados nos livros didáticos. Segundo, que os professores responsáveis por ministrar aulas de biologia precisavam abrir mão de suas horas de aula para outras áreas do conhecimento serem trabalhadas.

Compreendo, como também compreendi no momento que recebi a informação, que uma programação de um mês e alguns dias para realizar estágio era restrita e dificultaria qualquer atividade que me propusesse.

Seguindo o prometido, tentei observar as atividades da escola. Porém, a realidade temporal da escola não se curvava ao que eu havia orquestrado, então aquele que seria meu professor supervisor informou-me a impossibilidade das turmas de sua responsabilidade terem suas aulas gerenciadas por mim.

Nesse momento senti o “controle” que acreditava ter construído escorrendo entre meus dedos.

Era preciso adaptar-me.

Consultei novamente a planilha onde se continha as escolas passíveis de estagiamento. Mas eu não me encontrava sozinha nessa odisséia imprevisível. Dois colegas de turma, que também depararam-se com obstáculos no percurso das atividades de estágio, juntaram-se a mim, e com isso combinamos de na companhia e apoio um do outro nos deslocarmos a uma instituição.

Lá, já na escola, fomos recebidos, e a apresentação respeitosa se seguiu. Como resultados dessa visita tinha-nos a nossa aceitação na função de estagiários. Prometemos retornar na semana seguinte.

Não retomamos na semana que chegou, pois o professor comunicou-nos sua necessidade em se ausentar devido um procedimento dentário que seria submetido.

Esperamos uma semana. Nossa segunda ida à escola sem empenho não teria ocorrido, mas o atraso do ônibus público não ocupou muito tempo nos nossos pensamentos. Logo os estudantes entrariam de férias, e assim novamente o tempo me sufocava. Eu estava em constante estado de alerta, eu sabia a possibilidade de a qualquer segundo algo pôr-se como estorvo.

Ao chegarmos aguardamos. Foi nesse dia que recebemos a recusa da nossa entrada na sala de aula naquele dia, uma vez que éramos três para acompanhar um único

professor supervisor, e desconcentraria os estudantes nosso adentramento durante as aplicações das provas finais. Pedimos permissão para gerenciar as atividades de revisão, esta também nos foi negada.

Partimos em três e retornamos em três. O retorno foi complicado, o coletivo no qual éramos passageiros bateu em um carro, não sei dizer qual, e fomos obrigados a descer e encararmos a rua desconhecida. Aguardamos o ônibus de igual numeração. Não conhecíamos o bairro, não poderíamos caminhar até a avenida mais próxima já que o sol era o impiedoso sol das três da tarde, além disso, não sentíamos uma gota sequer de segurança e confiança em caminhar sozinhos sem precisão da direção a seguir.

Após essas tentativas de realizar minhas atividades como estagiária, eu já estava entregue a reflexões íntimas.

Por nenhum momento eu poderia maldizer minha cidade sem que esse maldizer fosse recheado de objetivos. Se expresso descontentamento com as ruas, as avenidas, os prédios, o trânsito ou com a funcionalidade de Fortaleza é apenas por viver nela e conviver com ela todos os dias que me ponho fora do meu espaço residencial.

Neste relato devo confessar que por muito tempo a cidade de Fortaleza foi a protagonista dos meus pensamentos, e somente a partir disso eu era capaz de relacionava o fluxo de pensamento com o estágio exigido.

Explico. A todo momento da escolha da escola, uma única coisa me atormentava: o deslocamento. Eu precisava orquestrar duas principais variáveis: da residência me deslocaria a escola, e da escola me deslocaria a Universidade que sou graduanda, ou o deslocamento seria da Universidade a escola, e da escola me deslocar até onde residido. E todo esse deslocamento ocorreria por andanças e pegadas de ônibus.

Notei que os bairros visitados possuíam ruas com nomes atribuídos à memória e homenagem a jornalistas, historiadores e até mesmo cronistas. Aqueles eram lugares nada homogêneos, o que alterava as ruas, os prédios e a estética do local.

Os momentos vividos eram de contraste, o desconforto sob o mormaço, o aceleração involuntário dos pensamentos e a insegurança sentida, contra o conforto de uma recepção fraterna em um ambiente arejado e que muitas vezes tinha um aroma de café.

Espero não soar vaidade, o fato de desejar um conforto no meu deslocamento e na realização das atividades de campo na escola. Mas essa dessemelhança entre o caminho que percorria e o local no qual chego deixava-me presa a pensamentos constantes de cansaço.

Na maior parte do tempo parecia que eu tentava sobreviver em um aglomerado de ansiedade. No trajeto os pensamentos eram de dúvida, somente ao adentrar nas escolas eu conseguia relaxar, não que minha presença ali fosse isenta de responsabilidade e obrigações. Eu precisava me vestir e me comportar adequadamente. De calça jeans, tênis, camiseta de manga comprida, mesmo que o sol fortalezense fizesse-me suar. Assim se faziam os eventos, no caminho eu estava atenta aos defeitos, na chegada eu atentava-me as qualidades.

3. AS TRÊS ESCOLAS VISITADAS

De certo modo, como consequência das tentativas que realizei, consegui estabelecer um pequeno reconhecimento das três instituições visitadas. As três instituições localizavam-se em diferentes regionais da cidade de Fortaleza, entre elas a regional 10, regional 4 e regional 8. A primeira escola visitada no estágio, estava localizada na regional 4, em um bairro, que mesmo sob observações rápidas, notei espaços dedicados ao ensino de uma língua estrangeira, pizzarias espaçosas, e diversas

clínicas odontológicas e médicas. Tal bairro parecia ter sido construído ou moldado ao longo do tempo para servir de passagem e repouso de universitários, percepção essa acentuada pelas constantes expressões artísticas nos muros e nos bares.

A escola da regional 4 carregava em sua estética desenhos e representações fotográficas de figuras históricas importantes em lutas sociais. A própria intitulação do local já fazia referência a um político cearense. Além disso, essa instituição demonstrava e deixava transparecer sua visão política. Agora, por respeito às sensações e a esse relato, manifesto minha inclinação a apoiar e valorizar personalidades históricas que dedicaram seu tempo à luta de igualdade social. Digo, anúncio isso, pois a escola com nome de político cearense expressava uma identidade clara. E nessa evidência identitária encontrei um espaço confortável.

Pouco tempo tive para observar as nuances da organização e funcionalidade, já que apenas uma visita não seria suficiente, mas pude caminhar por alguns corredores, presenciar a dinâmica da sala dos professores e a secretaria. Não retornei a escola, pois como informei nesse relato, o professor não possuía disponibilidade de acompanhar e supervisionar meu processo de estágio.

A segunda escola visitada estava no espaço da regional 8. Para ali, desloquei-me acompanhada. Devido ao intervalo da visita, que havia sido recente, a lembrança da escola com nome de político cearense e do seu trajeto ainda estavam frescos na minha memória. O bairro da segunda escola visitada não conseguia transmitir segurança ao caminharmos, e a identidade política tão evidente na escola anterior era ausente.

O bairro da regional 8 não tinha o caráter universitário e comercial como o anterior. Foi lamentável observar que a localidade da segunda instituição não exalava confiança, constatei também uma menor arborização. Para mim, havia claramente uma poluição sonora sobressaída, as fumaças emitidas pelos ônibus pareciam se acumular naquele lugar.

Assim, a terceira escola visitada, a da regional 10, e a da regional 8 assemelhava-se, pois a estética esverdeada e o aproveitamento da arquitetura disponibilizada convergiam. Na padronização das instituições, após o ambiente de entrada, tinha-se o corredor anterior à quadra de refeição, e em frente a esta a cozinha.

Notei, ao realizar essas três visitas em um curto período de um mês e alguns dias, que as escolas não eram nada igual, ainda que dentro do mesmo município. Por serem construídas e administradas de diferentes formas e perspectivas.

4. RETORNO AO CONHECIDO

Diante do curto tempo que eu possuía para exercer as atividades de estágio, a solução encontrada foi realizar as atividades no campo em uma instituição já conhecida por mim. Essa escola estava localizada no Bairro Jangurussu, e nessa localidade convivi ao longo de vinte e cinco anos. Posta nesse cenário, de recorrentes tentativas de estagiar em um campo que até então era novo a mim, devido às circunstâncias, retornei a escola na qual eu já havia realizado um dos estágios supervisionados no Ensino Fundamental II.

Porém novas turmas geram novas experiências, e apesar do ambiente ser o mesmo, o professor supervisor mudara, e os estudantes que acompanhei ainda não me conheciam. Assim, as apresentações iniciais ocorreram, e as observações iniciaram. Algo que eu já sabia acerca do modo que eu mesma encarava as atividades no campo escolar, era que os momentos de observação se colocavam de modo prazeroso, e que as regências exigiam mais atenção e um trabalho prévio de planejamento.

As observações estavam acompanhadas pelo processo de escrita do diário de campo, como alguém com o hábito rotineiro de narrar as próprias vivências e emoções, o diário de campo em muito se equivalia aos meus diários pessoais, então nesse, eu pude desabafar intimamente quando a frustração e a ansiedade começaram a virar algo que escapava da minha compostura. Talvez em alguns desses curtos relatos, eu tenha aprofundado em sensações e pensamentos que não se encaixavam no contexto escolar.

Lado a lado com meu cronograma semanal, segui para os momentos de regências, no qual busquei por recursos auxiliares. Admito a ausência de uma confiança ao ministrar aulas sobre os ciclos biogeoquímicos, uma vez que quase nada recordava sobre as reações e interações envolvidas. Talvez a distância temporal entre a execução desse estágio e o cursar da disciplina de ecologia tenha causado essa lacuna. Logo, precisei revisitar diversos processos químicos e bioquímicos que pudessem me fazer entender durante as aulas. Ministrei aulas sobre teorias evolucionistas e classificações biológicas, e devido ao curto tempo de contato e diálogo com os estudantes me sentia de fato confortável por ali estar. De certo modo, o alívio e conforto sentido durante as observações foram uma recompensa pelo penar e desconforto antes tão presente.

Confiante ou não, eu precisava me pôr diante da classe e deveria desenvolver um diálogo produtivo com os estudantes. Eu conhecia o ambiente, os corredores espaçosos, a secretária ao lado do portão de entrada, a quadra esportiva recém pintada e as salas de aula climatizadas. Mas não era das paredes, das pinturas e dos corredores que se podia constituir uma experiência completa. Eu não enxergava a escola apenas como o prédio, o edifício e as paredes que lhe sustentava, mas desejava enxergar também as pessoas que dia após dia estavam dedicadas a fazerem o edifício ter uma função social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incapaz de alcançar cem por cento das expectativas, encontrei-me diante de um cenário e de um sucessão de eventos que me impossibilitaram de realizar o estágio supervisionado obrigatório em turmas do Ensino Médio de escolas do estadual do Ceará, porém afirmo que as visitas a três instituições de diferentes regionais em muito serviram de aprendizado e experiência.

Ainda que em um ambiente externo a sala de aula de fato, a localidade das escolas, suas edificações, suas estéticas, seus profissionais responsáveis ajudaram-me a compreender a individualidade que há mesmo em escolas localizadas em um mesmo município.

Permito-me dizer também que ao entrar e observar a verdadeira rotina estudantil, o que de fato mais chamou meu olhar em todo esse processo de estagiamento foram as estruturas arquitetônicas e estética das escolas visitadas, razão essa que me fez tentar entender as semelhanças e as diferenças existente entre as escolas.

REFERÊNCIAS

LIMA FILHO, I. P. Deslocamentos para trabalho e lazer: mobilidades, infraestrutura e segregação espacial em Fortaleza. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, [S. l.], v. 12, p. e-rbs.937, 2024. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/937>. Acesso em: 12 fev. 2025.